

Por Luís Jacob (Presidente da RUTIS)

Desde o surgimento das UTIs (Universidades da Terceira Idade) em 1976, mas mais desde o seu ressurgimento nos anos 2000, que algumas dúvidas tem surgido sobre o conceito e enquadramento das Universidades ou Academias Seniores em Portugal.

Tentaremos responder a algumas dessas questões com os dados mais recentes que possuímos e recorrendo aos estudos académicos já realizados.

Introdução histórica

A primeira UTI surgiu em 1973 na Universidade de Toulouse, através do professor Pierre Vellas, recentemente falecido, num primeira fase como um projecto de estudo entre os idosos e os jovens académicos, mas perante o entusiasmo dos mais velhos o projecto rapidamente passou de temporário para permanente. “Este primeiro projecto deu origem, no entanto, talvez mais rapidamente do que se esperava, a um modelo que passou também a integrar cursos, conferências e outras actividades de toda a ordem tendentes a ir ao encontro da procura entusiasta que se verificava por parte das pessoas de idade (Lemieux, 2001, p. 27).”

Passados sete anos já existiam 52 em toda a França e nos outros países de influência francófona. As UTIs de modelo francês estão assim desde a sua génese relacionadas com o ensino superior tradicional. Os professores são remunerados, formados superiormente e funciona numa base de cursos de duração limitada (de 2 semanas a 2 meses) e conferências, num estilo formal.

Porém, quando este modelo chegou a Inglaterra, foi adoptado não pelas Universidades mas pelas associações sem fins lucrativas e de voluntários, muito frequentes naquele país. Nasceram assim as UTIs de modelo inglês. Os professores são voluntários e de diversas profissões, os alunos frequentam a UTI o ano inteiro e têm várias actividades sociais e o ensino é não formal.

Actualmente existem países em que um modelo é maioritário, o francês em França. Bélgica, Canadá, Espanha, Brasil, etc., o inglês no Reino Unido, Austrália, Alemanha, Portugal, etc.) e outros países coabitam os dois modelos (China, EUA, Itália, Áustria, etc.).

Denominação

Não é pacífica a denominação de Universidade para esta actividade, segundo Pinto “O facto de não ser consensual o termo “universidade”, que ocorre no sintagma “universidade da terceira idade” – sintagma a que já ouse chamar fixo por força do uso que lhe é conferido pelos falantes –, pode explicar a razão pela qual alguns já tenham optado pela designação “academia”, outros pela designação “instituto” e outros ainda pela designação “associação”, normalmente seguidas do epíteto “cultural”, evitando-se assim o recurso à palavra “universidade”. É bem provável que estas outras designações já traduzam sensibilidades particulares no tocante à missão das instituições em questão, missão que é efectivamente distinta da das universidades tradicionais e que conviria deixar também clara em termos linguísticos. Acrescentaria contudo que a utilização do termo “universidade” no caso das UTI, um pouco metaforicamente em meu entender, foi já objecto de uma leitura/atenção particular, se não de uma preocupação, no início dos anos 80 do século passado quando, por legislação datada de 1982, “O Ministério da Educação [refere que] permite o uso da denominação «Universidade» desde que as UTI se comprometam a não atribuir nenhum tipo de certificados ou grau académico dos cursos ministrados (DL n.º 252/82 de 28 de Junho)”. A UTI de Abrantes é a única que tem autorização, em Diário da República, para utilizar a denominação Universidade.

Em Portugal, das 66 associadas da RUTIS os nomes estão assim repartidos:

- 12 Academias, 3 Associações, 5 outras, 3 Institutos, 15 UTI e 28 Universidades Seniores.

De realçar que a grande maioria das UTIs mais recentes optaram pelo nome de Seniores ao invés de Terceira Idade. A denominação Universidade está muito relacionada com o “*status*” e com a auto-estima que esse nome proporciona aos seniores.

Organização e Funcionamento

Segundo Veloso “Na sua esmagadora maioria, as UTIs são associações sem fins lucrativos, como já referimos, e, de uma forma geral, têm como objectivos, entre outros,: a “promoção, a valorização e a integração do idoso”, “o contacto com a realidade e a dinâmica social local”, “a ocupação dos tempos livres”, e “evitar o isolamento e a marginalização”. Para a concretização de tais objectivos propõem-se criar um instituto superior ou universidade.”

Pelos dados das RUTIS, das 66 UTIs, 4 foram criadas e são geridas pelas Autarquias, 37 são associações autónomas e 25 fazem parte de outra associação. Das 66, 8 são IPSS.

As UTIs portuguesas sendo de modelo inglês, são mais uma resposta social que uma resposta educacional, porque visam mais o convívio, a entretida, o voluntarismo do que a certificação ou aprendizagem.

“No tocante à oferta na generalidade das UTI, pode dizer-se que, entre as variadíssimas possibilidades existentes, os seniores podem escolher cursos livres sobretudo na área das humanidades, da sociologia, das línguas estrangeiras, da leitura e escrita criativas, da saúde e das artes (plásticas). Algumas contam ainda, nos seus programas, com iniciativas na área das novas tecnologias da informação e da comunicação e com conferências sobre temáticas actuais. De um modo geral, dispõem também de actividades como ginástica, natação, teatro, canto coral, música e trabalhos manuais ou labores. As viagens de estudo no país ou no estrangeiro constituem igualmente objecto de possível oferta. A publicação regular de revistas ou de outros tipos de periódicos pode também ser referida como uma forma de marcarem a sua presença. A diversidade de níveis de escolaridade dos alunos que frequentam estas instituições, desde licenciados ou detentores de outros graus académicos a indivíduos que possuem unicamente ou “à peine” a antiga 4.^a classe, condicionará naturalmente os respectivos projectos. Depreende-se, porém, do elenco de ofertas exposto que os alunos das UTI estão tão interessados em aprender como em conviver.” Pinto, 2006.

Ainda segundo Ferreira, “As UTIs ao mesmo tempo, têm como objectivo contribuir para reduzir o isolamento e solidão dos idosos, e reintegrá-los na sociedade, resgatando a sua cidadania e a sua participação na produção de novos valores, bem como actuar na redefinição das imagens da velhice e do envelhecimento, e das relações entre gerações, aproximando-se, com esses objectivos, das propostas mais gerais dos centros de convivência.

Podemos dividir as actividades das UTIs em cinco grandes grupos:

- Aulas teóricas e práticas em sistema não-formal (sem avaliação e certificação), incluem as aulas de Línguas, Saúde, História, Informática, Tapeçaria, Pintura, Olaria, etc.
- Actividades de motricidade, (Ginástica, dança, natação, yoga, etc.)
- Passeios e convívios.
- Actividades de lazer (Teatro, coro, música, pesca, clube de leitura, etc.).
- Actividades de voluntariado (Como guias em museus, em cidades, em IPSS, etc.).

Num estudo efectuado pelo NIS (Núcleo de Investigação Sénior) da RUTIS, as UTIs contribuem definitivamente para a melhoria da qualidade de vida dos idosos, assim como previne os sintomas da depressão e proporcionam um consumo mais reduzido de medicamentos (Jacob, 2004).

Financiamento

A maioria das UTIs tem constrangimentos financeiros, sendo de modo geral o maior problema a falta de instalações. A principal fonte de financiamento das UTIs é as mensalidades dos alunos (média de 7 euros por mês/aluno). 40% das UTIs recebem algum apoio financeiro das autarquias e 4 UTIs (Torres Novas, Almeirim, Portimão e Borba) tem acordo com a Segurança Social para a valência de Centro de Convívio.

Nota: Se pegarmos no conceito do Ministério do Trabalho e Segurança Social, de Centro de Convívio “Resposta social, desenvolvida em equipamento de apoio a actividades sócio-recreativas e culturais, organizadas e dinamizadas pelos idosos de uma comunidade” (DEEP, 2004, p. 48), observamos que as UTIs são na essência um Centro de Convívio mais desenvolvido e aperfeiçoado.

Participantes

As UTIs têm três grupos de participantes, os dirigentes, os professores e os alunos.

Os dirigentes são na maioria seniores (56% das UTIs foram criadas por eles) activos e reformados. Nota-se ultimamente uma participação maior de jovens e de adultos na direcção. “Os seniores na Europa devem ter um papel cada mais activo no desenvolvimento e na gestão das respostas sociais destinadas a si, como as Universidades da Terceira Idade”, Kurz.

Os professores, cerca de 1.500, são em 90% casos voluntários, que dão entre 1 ou 2 horas por semana de aulas. Apenas 20% dos professores das UTIs são professores de profissão. Os restantes são extremamente heterogéneos na actividade profissional e na idade, o professor mais novo tem 17 anos e o mais velho 89. Há professores de risoterapia, canalização, arranjos florais, xadrez, escultura, russo, árabe, filosofia, teologia, arte digital, cestaria, economia, etc.

Os alunos, mais de 15.000, todos com mais de 55 anos, são em 80% dos casos reformados ou domésticas, sendo os outros 20% activos. 76% são mulheres, 35% tem menos que o 5 ano de escolaridade, 5% não tem escolaridade definida e 20% tem um grau académico superior. O aluno mais velho tem 96 anos.

Conclusões:

Podemos concluir que as UTIs envolvem várias áreas de intervenção, o ensino não-formal, a cultura, a formação ao longo da vida, a ciência, o lazer e o apoio social.

No entanto, é unânime para nós que a referência base para as UTIs portuguesas é a acção social. As componentes culturais e educativas ou formativas são o meio para se alcançar este fim. O grande objectivo é retirar os seniores de casa, do isolamento e proporcionar-lhes regularmente actividades saudáveis, de convívio e participação social.

Em 2005 definiram-se as UTIs como sendo “a resposta social, que visa criar e dinamizar regularmente actividades sociais, culturais, educacionais e de convívio, preferencialmente para e pelos maiores de 50 anos. Quando existirem actividades educativas será em regime não formal, sem fins de certificação e no contexto da formação ao longo da vida.”

Aceite o conceito, foi elaborada uma proposta de legislação para o sector que foi apresentada a um grupo de deputados do parlamento para rectificação e mais tarde aprovada pelas UTIs. Esta proposta foi entregue no Ministério do Trabalho e Segurança Social para discussão e eventual homologação.

Bibliografia.

- *Da importância de programas destinados à educação de seniores na sociedade de hoje: As Universidades da Terceira Idade em Portugal* de Maria da Graça Castro Pinto, 2006.
- *As Universidades da Terceira Idade em Portugal: Contributos para uma Caracterização (Tese de Doutoramento)* de Esmeraldina Costa Veloso, 2000.
- *O Ensino e a Formação na Terceira Idade: As Universidades para a Terceira Idade* de Ana Maria Moutinho Ferreira, 2006.
- *As Universidades da Terceira Idade em Portugal* de Luís Jacob, 2006.
- *La gérontologie: Une nouvelle réalité* de Lemieux, 2001.
- *Qualidade de vida dos seniores, A importância das Universidades da Terceira Idade* de Luís Jacob, (2004), acessível em http://www.medicosdeportugal.iol.pt/action/2/cnt_id/508/